

*SCIENTOLOGY*  
O SEU ENQUADRAMENTO  
MORFOLÓGICO  
HISTÓRICO



Dario Sabbatucci  
Professor de História das Religiões  
Universidade de Roma  
Roma, Itália

12 de dezembro de 1983



*SCIENTOLOGY*  
O SEU ENQUADRAMENTO  
MORFOLÓGICO  
HISTÓRICO



SCIENTOLOGY  
O SEU ENQUADRAMENTO  
MORFOLÓGICO  
HISTÓRICO

# ÍNDICE

I.	Introdução	1
II.	Conteúdo Doutrinal	2
III.	Práticas Rituais	4
IV.	Considerações Finais	7



# SCIENTOLOGY

## O SEU ENQUADRAMENTO MORFOLÓGICO HISTÓRICO



Dario Sabbatucci  
Professor de História das Religiões  
Universidade de Roma  
Roma, Itália

12 de dezembro de 1983

### *I. Introdução*

Scientology é uma religião «profética», nascida dos ensinamentos de um fundador carismático, L. Ron Hubbard, que detém o lugar que Gautama, o Buda, tem no budismo, Jesus Cristo no cristianismo e Maomé na religião islâmica (as três grandes religiões dos nossos dias). Ao contrário de Cristo e de Maomé, o Sr. Hubbard não reivindicou carácter divino ou revelação divina. Como Gautama, o Sr. Hubbard declarou ser um homem que tinha descoberto um caminho para a iluminação espiritual, a salvação e a liberdade.

L. Ron Hubbard publicou, em 1950, o livro *Dianética: O Poder da Mente sobre o Corpo* que foi um êxito. O livro prometia «realização pessoal» (ou realização de «vida como estático») contra as frustrações do mundo exterior (o caos), com axiomas sustentados por argumentos socioantropológicos, histórico-religiosos e filosófico-religiosos. É incontestável que o sucesso deste livro gerou uma religião, a Scientology, que agora integra a Dianética. Não nos devemos deixar levar pela premissa científica da qual deriva o nome «Scientology». É uma religião moderna que, apenas porque é moderna (ou adequada às pessoas do nosso tempo), se apresenta como científica. A este respeito citarei dois casos semelhantes, cuja coerência religiosa não suscita a menor dúvida: o Bahaísmo no domínio islâmico, e a Ciência Cristã no domínio cristão.

O Bahaísmo começou durante o século passado; recebeu o nome do título do seu fundador, *Baha'Ullah* («Esplendor de Deus»), que já tinha sido um seguidor do Babismo, um

movimento religioso na Pérsia islâmica. Entre os mais importantes princípios soteriológicos do Bahaísmo está a unidade entre ciência e religião.

A Ciência Cristã foi fundada em finais do século passado pela profetiza americana Mary Baker Eddy. Esta religião começa com medicina psicossomática. Como no caso do livro popular do Sr. Hubbard sobre «saúde mental», a Ciência Cristã também começou com um livro popular escrito por Eddy e publicado em 1875 como *Ciência e Saúde*. «Saúde» é a mesma coisa que «salvação» por estes autores profetas que, desta forma, mais ou menos retomam o conceito «salus» do latim.

A primeira comunidade religiosa de Scientology foi fundada como igreja em 1954, com o nome de Igreja de Scientology da Califórnia. Desta maneira, a religião aperfeiçoou-se, organizando-se segundo o modelo eclesiástico cristão. As Igrejas de Scientology espalharam-se por várias cidades de língua inglesa em todo o mundo (Canadá, Austrália, África do Sul, Inglaterra e Estados Unidos da América), e também pela França, Alemanha, Dinamarca, Holanda, Itália e Suécia. As igrejas e missões de Scientology chegaram também a outros países europeus (Bélgica, Áustria, Irlanda) e não europeus (Japão, Coreia, Índia, Israel, México).

## *II. Conteúdo Doutrinal*

1. Na cultura cristã, o todo das doutrinas respeitantes aos valores religiosos toma o nome de teologia, porque tudo está relacionado com o conhecimento de Deus e da sua Vontade. Aqui, o termo e o conceito de Scientology substituem «teologia». Em vez de ser o estudo (-logia) de Deus (theo-), temos o estudo (-logia) do conhecimento (sciento-). Em ambos os casos, o verdadeiro objetivo do conhecimento é o absoluto; na verdade, este «conhecimento» é absoluto. Embora pareça requerer estudo e aplicação, é espiritual e transcende o conhecimento empírico do universo físico, embora se acredite que é capaz de intervir nele.

O conteúdo doutrinal de Scientology nasceu da tendência para olhar para dentro, que também pode ser encontrada na busca cristã de «Deus dentro de cada um,» o que é típico de insurgências místicas. Uma das premissas da Igreja de Scientology — expressa no seu ato constitutivo na Califórnia — é que: «A melhor prova da existência de Deus é o Deus que o homem encontra dentro de si próprio.» No entanto, o modelo explícito e implícito da busca interior de Scientology é o processo da religião védica, que começou com a meditação no *Upanishad*.

O modelo *Upanishad* foi concebido da seguinte maneira: a substância do universo, *Brahma*, identifica-se com a substância do homem, *atman*; assim, o homem pode contactar o



universo através do reconhecimento do seu próprio *atman*, sem se virar para os deuses que, como em qualquer religião politeísta, são o próprio universo nas suas várias formas e aspetos. Em Scientology, no lugar do *atman* encontramos o *thetan* na função de «essência imutável» que transcende qualquer forma contingente.

2. A noção de *thetan* é fundamental para a fé de Scientology, tanto quanto a noção de alma é para a fé cristã. Mas devido à necessidade de distinguir o conceito de *thetan* do conceito da alma, a Scientology criou a nova palavra, *thetan*, por ser mais apropriada para uma nova religião.

A nova palavra dá resposta a duas necessidades opostas: 1) alcançar uma renovação total, livre de qualquer semântica; portanto, uma palavra inexistente, sem significado em nenhuma das línguas existentes, 2) a limitação do arbitrário da invenção, para que a nova palavra não seja desprovida de um significado mesmo que não tivesse um significado nas línguas existentes. Em suma, quis-se dar à nova palavra uma necessidade que iria superar a contingência de artifício. A letra grega *theta*, que só por si não significa nada, foi a escolhida. É também a primeira letra de *Theos* (Deus) e de *Thymos* (alma) e foi escolhida para ser a raiz da palavra que foneticamente é semelhante ao *atman* indiano.

A ligação morfológica entre *atman* e *thetan*, que objetivamente consideraríamos devida à derivação do segundo termo do primeiro, em vez disso é vista pela Scientology como uma antecipação indiana do conceito Hubbardiano; deste modo encontramos nos livros de Scientology: «O Eterno *Eu* Indestrutível (*Atman*) no *Upanishad* é uma antecipação precoce do conceito de *thetan* de Scientology.»

3. A Scientology segue o modelo *Upanishad* com o objetivo de olhar para dentro a fim de encontrar uma relação correta entre o eu e o universo: «Pouco a pouco, à medida que o *thetan* progride no conhecimento acerca de si mesmo, aumenta a sua capacidade de se relacionar com as forças universais (as *dinâmicas*) que operam ao nível de tornar-se (em oposição ao nível de ser, onde o *thetan* se torna reconhecível).»

As *Dinâmicas* são oito e elas são os impulsos para a sobrevivência do indivíduo como ele mesmo; através do sexo e da família; como grupo (desde a comunidade até à nacionalidade); como humanidade; como formas de vida (incluindo os animais e as plantas); como o universo físico; como o universo espiritual — simbolizados pela letra *Theta*, como no *thetan*, ou ser espiritual; e como Ser Supremo.

4. Da relação entre o thetan e as oito dinâmicas, há consequências psicossomáticas, éticas, para-científicas e rituais. Em termos de Scientology, a relação é entendida como a redução do caos, a realidade harmoniosa constituída pelo thetan. Nós podemos compreender tudo isso em termos histórico-religiosos encontrando a função típica de qualquer religião de conferir um valor meta-histórico às realidades históricas. Aqui, como noutros lugares, o objetivo é vencer com o «ser» meta-histórico o histórico caótico e «tornar-se» — a própria história, vista como uma história pessoal, história nacional, a história da humanidade, história natural, história sobrenatural (a criação do mundo, a ação do Criador, a sua intervenção no criado). Todas estas «histórias» aprisionam e destroem o indivíduo que não sabe como orientar-se (e orientá-las) porque o thetan perdeu consciência de si próprio. Mas quando o thetan tiver atingido a sua consciência plena, tudo volta a estar em ordem, com estas consequências:

Consequências psicossomáticas: o thetan precipita saúde física e mental, orientando o melhor possível a atividade do corpo e da psique.

Consequências éticas: o thetan orienta as relações familiares, juntamente com relações sociais e humanas em geral.

Consequências científicas: o thetan ilumina a investigação científica e tecnológica em todas as áreas. Para além da produção científica e tecnológica, também favorece a produção literária e artística. O professor Hubbard é elogiado tanto na qualidade de escritor como na qualidade de cientista, que foi especialmente talentoso nas áreas da náutica, fotografia, música, mineralogia, agronomia e sistemas de comunicação.

Nesta perspetiva, podemos perceber como o paralelismo com o *Upanishad* é levado às suas consequências extremas: o Tantrismo, o produto supremo dessa evolução religiosa, promete poderes que, em relação a esse tempo e ambiente, definiríamos como «mágicos»; a Scientology promete poderes a que nós chamamos artístico-literários ou científicos ou tecnológicos; mas em ambos os casos, podemos falar da abertura mística do mundo a qualquer intervenção do ser que descobriu em si próprio a capacidade mística de intervir.

### *III. Práticas Rituais*

1. A formulação teórica do thetan também tem consequências rituais. Com todas as reservas, podemos falar de um culto verdadeiro e real do thetan, considerando que o conceito

de thetan é o conceito que dá à Scientology a sua singularidade. Por outras palavras: formalidades litúrgicas, serviços religiosos, ministros, simbolismos, etc., todas essas coisas constituem o que poderíamos definir como acessórios em comparação com o thetan, onde o rito de reconhecimento do thetan (a «audição» de que falarei mais tarde) é fundamental. Também podemos considerar estes «acessórios» como simplesmente emprestados da religião cristã, embora a tendência de Scientology seja para «religião comparativa».

Não se trata realmente de duas raízes diferentes porque «religião comparativa» é apenas a redução inconsciente de expressões culturais não-europeias ou pré-cristãs anteriores à temática religiosa cristã (pelo menos no uso que Hubbard faz do termo «religião comparativa»). No que diz respeito à imagem oriental do assunto religioso que dá ênfase ao thetan (o eu) no lugar de um Deus ou qualquer poder extra-humano, a Scientology é ainda validada e considerada legítima num sentido fenomenológico tanto devido ao carácter «divino» atribuído ao thetan (que, em qualquer caso é sobre-humano) como às analogias substanciais e formais que existem realmente com outras religiões (especialmente orientais) e com o próprio cristianismo.

Em qualquer caso, os rituais de Scientology também incluem as práticas de batismos, casamentos e funerais, para além das práticas destinadas a reconhecer o thetan e as suas relações universais (a audição, em especial, e em parte o serviço da Igreja).

2. A audição é, sob o aspeto fenomenológico, um rito de iniciação embora seja praticada em todos os níveis da religião de Scientology. É o rito de ingresso em Scientology em que se adquire um primeiro conhecimento do thetan. O juízo *subjetivo* em Scientology pode ser diferente do juízo *objetivo* de fenomenologia religiosa; na verdade, a literatura de Scientology prefere representar a audição mais como «aconselhamento pastoral» do que como um rito, em comparação com a religião cristã; mais como semelhante à ação de um conselheiro espiritual (embora dentro do reino da confissão católica) do que à ação mais «sacramental» de um padre. Isto acontece porque todas as pessoas têm de ser capazes de conhecer-se enquanto thetans e saber isto subjetivamente. O processo lembra-nos vagamente um tratamento psicanalítico, mas os Scientologists preferem compará-lo com as práticas Zen.

O rito da audição é feito em «sessões» com uma duração fixa (ritual, como dissemos). O ministro é chamado um «auditor»; a pessoa auditada é chamada um «preclear». A terminologia baseada na audição remove, tanto quanto possível, o sentido de iniciação

do rito como se, em vez de um rito de iniciação, fosse aconselhamento informal, embora catártico. A designação do iniciado surge de novo no significado da palavra «preclear» — uma pessoa que ainda não é Clear mas aspira a ser.

A iniciação é gradual, como nas antigas religiões místicas e no próprio cristianismo, no qual a perfeição acontece gradualmente: batismo, confirmação eucarística, por exemplo; de maneira semelhante à entrada no cristianismo, à sua confirmação e à admissão ao alimento pastoral que une também fisicamente o corpo humano ao corpo de Cristo.

O processo de levar uma pessoa desde o primeiro nível de preclear até ao nível de Clear, e mais além, é concebido como um processo de libertação («liberar»), e «liberado» é a designação da pessoa que está a fazer este processo, no qual cada passo é chamado um «grau de libertação» até ao estado de Clear.

O Clear é o «santo» ou aspirante à «santidade» que os Scientologists preferem comparar com o budista Arat (o «venerável») e o Boddhisattva, aquele que alcançou o Budismo mas permanece no mundanismo para ajudar outros a alcançarem-no. Mas o Clear também é compreendido na analogia com um «computador» no sentido em que ele adquiriu a capacidade para resolver de forma desapaixonada qualquer problema se lhe fornecerem todos os dados. A imagem do computador é usada ao longo dos escritos de Scientology — que eles definem como a «religião da era espacial».

Eles também falam do «eletrómetro», inventado por Hubbard, que podemos considerar como um instrumento litúrgico da era moderna caracterizada pela eletrónica. É um aparelho de medição eletrónica que indica, objetivamente, a labuta espiritual e o subsequente grau de libertação alcançado por um preclear numa sessão de audição.

3. O serviço religioso prestado nas Igrejas de Scientology não é muito diferente dos serviços nas diferentes denominações protestantes que operam na América. Os Scientologists mostram a sua singularidade não tanto no formato como no conteúdo. O sermão de Scientology, que constitui o núcleo do serviço, não impõe dogmas nem ameaça com penalidades tipo inferno; é uma espécie de exposição racional. Substitui o dogma pelos axiomas de Hubbard, e a única «ameaça» é o «inferno em vida» resultante da não aplicação dos princípios de Scientology. O serviço de Scientology também inclui uma oração de petição, dirigida formalmente a um destinatário sobre-humano que se acredita ser capaz de satisfazer pedidos. Esta ação, recomendada pelos manuais litúrgicos em Scientology, apela

ao autor do Universo: 1) que possibilite que todos os homens alcancem uma compreensão da sua natureza espiritual e venham a conhecer o autor do Universo, com o fim de alcançar a «liberdade total» (esta oração é chamada «Uma Oração para a Liberdade Total»); 2) que preserve os direitos humanos para que todos possam crer e adorar livremente e estar livres da guerra, da pobreza e da carência. A oração termina com um «Amém» onde Deus é nomeado explicitamente: «Que Deus permita que assim seja.»

4. Nem o casamento nem o funeral, que aparecem em várias formas na liturgia de Scientology, derivam da necessidade teórica do thetan. Só no rito de batizar o recém-nascido, que tem o mesmo lugar que o batismo na religião cristã, encontramos na literatura de Scientology a sua função em relação direta com o thetan.

Esta é a justificação textual para o rito: «O principal propósito do batismo (Cerimónia de Dar Nome) é ajudar a orientar o thetan. Ele tomou recentemente o seu novo corpo. Ele está ciente de que o corpo é dele e que o está a operar. No entanto, nunca lhe disseram a identidade do seu corpo. Ele sabe que há bastantes corpos adultos à sua volta, mas não lhe foi dito que há alguns específicos que cuidam do corpo dele até ao ponto de se ter desenvolvido e ele poder manobrá-lo completamente.» Por outras palavras, é o rito para apresentar o thetan ao seu corpo, aos seus pais, padrinhos, e à congregação.

5. De acordo com a sua natureza religiosa, Scientology adotou símbolos distintos — tais como a Cruz de Scientology usada pelos ministros da Igreja e exibida nas Igrejas — que dizem imediatamente que se está a lidar com uma religião.

#### *IV. Considerações Finais*

O presente relatório tem por objetivo responder à questão se, em termos científicos histórico-religiosos, a Scientology deve ser considerada uma religião sob todas as circunstâncias. Não tratou de uma certa falta do «divino» e «escatologia», nem da presença de uma ética codificada e de uma política de reforma. Isto acontece porque nem a falta nem a presença destas características são úteis para o objetivo do juízo científico.

Ao estabelecer a base de uma ciência de religiões, E. B. Taylor excluiu da definição de religião «a crença numa divindade suprema ou num juízo após a morte». Em relação a isto, podemos acrescentar que no caso de Scientology não há omissões depreciativas, mas sim omissões edificantes de uma estrutura religiosa que de facto transcende tanto a teologia como a escatologia cristã.

Para esclarecer isto, vou dar o exemplo de uma divergência específica da linha escatológica tradicional: com o conceito do thetan como um ser imortal, completamente fora das limitações de um período histórico, ou período de vida, a discussão escatológica de «o fim» não faz sentido.

Em conclusão, o que torna a Scientology reconhecível como uma religião é, em primeiro lugar, a sua semelhança com outras religiões (já estabelecidas neste relatório). Além disso, e especialmente à luz da distinção ocidental entre o «cívico» e o «religioso», tudo o que é dito ou feito em Scientology pode e deve fazer sentido na nossa cultura, apenas se compreendido como uma religião.

Por este motivo, o presente relatório responde a qualquer possível questão jurídica, afirmando inequivocamente que a Scientology é uma religião — pelos seus conteúdos teóricos com o elemento de salvação; pelo seu ritual des-historificante; pelo impulso proselitizante de um tipo profético; e pela organização eclesiástica que, entre outras coisas, determina a sua própria relação com a organização dos estados onde é bem-vinda entre os cidadãos.

DARIO SABBATUCCI  
*12 de dezembro de 1983*